

O TEMPO E A MEMÓRIA EM UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE MIA COUTO

LUCIANE DA MOTA FROTA*

* Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais – PUC Minas.

E

Resumo

Este artigo se propõe a fazer uma análise sobre os elementos tempo e memória no romance, **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, do autor Moçambicano Mia Couto. Estes elementos representam o fio condutor da narrativa analisada, sendo ainda fatores de relevante importância para a compreensão da cultura do povo de Moçambique, cultura esta, que se manifestará na obra por diversas vezes através das relações estabelecidas a partir das referências ao tempo e à memória.

Palavras-chave: Tempo; Memória; Mia Couto; Morte.

O tempo é com certeza um grande e significativo elemento responsável por mudanças e grandes transformações na história da humanidade. A memória, por sua vez, representa o elo entre o homem e o tempo. É através da memória que as histórias podem ser narradas, as tradições resgatadas e os mortos preservados. O tempo é o agente natural devastador nesse processo que é a vida, e a memória ponte de preservação entre passado e presente, morte e vida. É a partir dessas relações entre tempo e memória que iremos discutir as funções de um e do outro na narrativa que ora nos propomos a analisar.

É importante observar que neste romance o tempo irá representar um fator de grande importância, pois guarda os mistérios do lugar em que se passa a narrativa. Através do rio Madzimi o tempo é metamorfoseado na obra. O rio remete a um tempo mítico, capaz de transformações e de efeitos destruidores, mas também é capaz de fazer ressurgir e

guardar a tradição dos antepassados. De acordo com Benedito Nunes: “o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa” (NUNES, 2000, p. 25). Daí compreendermos a relação temporal mítica, “do presente ao passado” e do “passado ao futuro”, que irá envolver toda a trajetória do jovem Mariano, personagem central da narrativa, responsável por recuperar a memória de sua família e de todos os moradores de Luar-do-chão.

Mariano retorna à sua terra natal para participar do funeral do seu avô Dito Mariano e é nesse momento que ele, Mariano, se vê incumbido pela avó Dulcineusa de direcionar as cerimônias necessárias ao enterro. Mariano, por ser o neto favorito, será também aquele que irá recuperar a memória dos seus antepassados. Justamente ele, o neto que partiu de casa ainda tão novo para estudar na cidade grande! Na metrópole, a personagem adquire os hábitos de outra cultura, que não é a sua. O seu retorno então representa o reencontro com a cultura ancestral, a descoberta da sua personalidade e a preservação das tradições do seu povo.

De volta a Luar-do-chão, Mariano começa a perceber o grande peso e a responsabilidade que lhe serão destinados. A morte do avô é para a personagem uma ponte para o passado e um estímulo para a compreensão mais ampla do presente. É ele agora que se tornará o guardador dos segredos dessa família e para isso era preciso ter muito cuidado. A advertência feita a ele antes mesmo de chegar à casa do avô tem por isso um valor ritualístico:

Antes de entrarmos na embarcação Abstinência me faz parar, mão posta sobre o meu peito:

- Agora que estamos a chegar, você prometa ter cuidado.

- Cuidado? Porquê Tio?

- Não esqueça: você recebeu o nome do velho Mariano. Não esqueça.

O Tio se minguou no esclarecimento. Já não era ele que falava. Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido.

Eu era a vida dele. (COUTO, 2005, p. 22)

Mariano tem consciência de que a vida do avô Dito Mariano irá renascer em si, e que a morte do mesmo ainda não se completou. É uma morte inacabada, misteriosa. Aos poucos é que Mariano descobre a difícil tarefa de desvendar os mistérios que envolvem a morte do avô e os segredos que essa morte irá desvendar. Através dessas descobertas Mariano vai perceber que é seu dever, também construir a sua história e resgatar a tradição e memória da sua família, bem como de sua terra natal. Mesmo que ele tenha se distanciado de sua casa é a ele que todos esperam para completar um ciclo que se fecha, para iniciar um outro ciclo, agora representando por ele, o neto favorito, que havia partido de casa. O tempo o afastara de suas raízes: “Por que demoraste tanto? – Não fui eu Tia foi o tempo.” (COUTO, 2005, pg. 29). Mas é este mesmo tempo através da imagem do rio, uma vez que de acordo com

o dicionário de símbolos o rio representa evidentemente o retorno à nascente, ao princípio, que o traz de volta às suas origens.

O neto Mariano, já preserva em seu íntimo, mesmo sem saber, o dever de resguardar o tempo, de novamente fazer vigorar o nome de sua casa, ameaçada pelo progresso e ambição do seu tio Últmio, assim como o dever de fazer valer a tradição do seu povo e da sua gente. É a ele, ao próprio Mariano, a encarnação de tempo perdido, a suposta explicação de fatos do passado que a matriarca da família, a avó Dulcineusa irá entregar as chaves da casa:

A avó agita o braço para fechar o assunto. Ordena silêncio, quer que todos se voltem a sentar.

Faz chocalhar um saco que traz preso na cintura. E pergunta:

- Sabe o que é este saco?

- Não sei. Avó.

- É aqui onde escondo as chaves todas da Nyumba-Kaya. Você vai guardar estas chaves, Mariano.

Faço menção de me desviar do encargo. Como podia aceitar honras que competiam aos outros? Mas Dulcineusa não cede nem concede.

- Tome. E guarde bem escondido. Guarde esta casa, meu neto!
(COUTO, 2005, 33)

É, pois, para esta finalidade que o neto retorna para o seio da sua família e de sua história. Mariano se empenha em guardar a casa e a memória da sua família, bem como suas tradições.

A narrativa de Mia Couto começa a partir daí, ou seja, do momento em que o jovem Mariano toma consciência efetivamente do seu dever, a alcançar proporções inusitadas e misteriosas. A trama que envolve os personagens – cada qual à sua maneira – começa também a envolver os leitores, que percebem o caráter enigmático em torno da morte do velho Dito Mariano. Caráter que escapa à força dos homens, é uma relação entre o mítico e o sagrado. Isso porque, de acordo com Rui Moreira de Carvalho, “a mentalidade da sociedade africana tradicional baseia-se no empirismo, é uma sociedade fundada no fruto da observação paciente e atenta das coisas” (CARVALHO, 2005, p. 70). De acordo com este autor, o chefe da família o Pai, não o pai propriamente dito segundo a linhagem reprodutiva que conhecemos, mas sim aquele homem mais velho do segmento da linhagem, é quem dita as regras a serem seguidas. É por isso que o neto Mariano deverá seguir as últimas instruções do seu avô e desvendar alguns segredos que envolvem esta família.

Mariano percebe que o seu avô não está totalmente morto, sua morte ainda não é uma certeza; nem mesmo o médico consegue dar aos familiares um parecer concreto para que o corpo possa ter o seu destino final. E ele não consegue entender porque isso ocorre. O começo das suas descobertas se dará através de algumas cartas que vão lhe aparecendo misteriosamente. É a partir destas cartas que ele começa a entender algumas lacunas ainda não preenchidas e assim, recupera a

sua história e de todos os membros da sua família e até de alguns moradores de Luar-do-chão. Estas cartas são um mistério; não sabemos de onde elas surgem, nem mesmo se são apenas frutos dos sonhos do jovem, mas são elas que têm o poder de revelar alguns fatos ainda desconhecidos para o “neto” de Dito Mariano.

As revelações da memória contidas nas cartas é que vão proteger a casa que existe no íntimo de Mariano. Quando ele lê a primeira carta descobre que o tempo o levou de volta à sua terra para se encontrar com sua memória, com a casa dentro de si mesmo:

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que a suas forças. Aprenderá como se diz aqui: Cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.

Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia mas não mostre nem conte a ninguém. (COUTO, 2005, p. 56)

Mariano guarda, então, a sua própria casa particular, que nunca havia perdido, mesmo quando partira muito jovem, anos antes para estudar fora de sua terra natal, deixando para trás o seu povo, a sua gente. O que mais lhe intriga nisso tudo é o mistério exposto pelas cartas, nas quais ele percebe estar a sua letra, uma caligrafia idêntica a sua. Quem estaria tão preocupado em nortear os caminhos deste jovem e, imitando-lhe a caligrafia, escrevendo como se fosse ele? Não seria uma voz interior indicando a casa da memória através da escrita? Lúcia Castello Branco, discutindo a função da memória ressalta que:

O processo da memória não deve ser entendido apenas como preenchimento de lacunas, recomposição de uma imagem passada, como querem as tradicionais concepções acerca da memória e da linearidade do tempo, mas também enquanto a própria lacuna, enquanto decomposição, rasura da imagem. Considerar isso é admitir que o passado não se conserva inteiro, como um tesouro, nos receptáculos da memória, mas que se constrói a partir de faltas, de ausências; é admitir, portanto, que o gesto de se debruçar sobre o que já se foi implica um gesto de edificar o que ainda não é, o que virá a ser. (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 26)

A escrita das cartas é, portanto, uma estratégia da narrativa de tentar reconstruir o passado de Mariano, mas também de tentar construir o que ainda não é. Marianinho vai começando assim a se formar como homem dessa família, vai se inteirando dos problemas e da personalidade de cada um a começar pelo seu pai Fulano Malta, passando pelos seus tios Abstinêncio e Últímio, e também da sua suposta tia Admiração. Mariano reconta também a história da sua avó Dulcineusa e o encontro dela com o seu avô. São estes dados que irão ajudá-lo em sua trajetória. Aparece, também no seu caminho, a recordação de personagens tradicionais de Luar-do-chão, como Juca Sabão, cuja morte é um mistério para os moradores do lugar. E Mariano mais uma vez se

depara com segredos a serem desvendados ou quem sabe, entendidos, e eles vêm novamente através de mais uma carta:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. (COUTO, 2005, p. 65)

Percebemos que é o dever de Mariano fazer reviver a memória e a tradição do seu povo. Recuperar o chão perdido, fazer a terra se abrir para o enterro do seu avô, mas também para uma nova vida. Mariano ficará dividido frente o “quem sou eu”. Ele não sabe se é o seu presente ou o seu passado, a sua memória. Ocorre uma busca, uma escavação, para trazer aquilo que foi vivido pelos seus antepassados numa tentativa de salvar o presente. Isso acontece na narrativa, não somente na imagem das cartas, mas também através de duas outras cenas. A primeira é a história do burro na casa de Deus que intriga completamente o jovem. A segunda é o encontro no porão, de forma nebulosa e onírica, com uma mulher que o possui misteriosamente.

O primeiro contato de Mariano com o episódio do burro ocorreu quando ele se deparou com a presença do animal na igreja. Uma presença que o havia intrigado muito, tanto que ele chegou a sonhar com o bicho. Ele resolve então perguntar a avó sobre o burro e porque ele vive numa igreja:

- Avó, me explique esse burro, lá na igreja?

- O burro?

- Sim, como é que um burro vive numa igreja? (...)

(...) – A história desse burro começa no dia do desastre. (COUTO, 2005, p. 96)

A história do burro vai sendo contada pela avó Dulcineusa e Mariano cada vez mais sente-se apegado às narrativas do seu povo, à sua memória. Ele descobre que o burro foi o único sobrevivente de um naufrágio e que neste naufrágio nenhum corpo foi recuperado pelos familiares. O padre da igreja de Luar-do-chão decide então considerar o animal sagrado e guardá-lo dentro da igreja para que a cidade tenha um protetor que a guarde até aparecer um outro mais puro. E, segundo a Avó Dulcineusa esse protetor, o anjo poderia ser ele, o jovem Mariano, o guardador de Luar-do-Chão.

De posse das chaves que lhe foram entregues pela sua avó, Mariano continua incessantemente numa perseguição através dos mistérios que envolvem o seu passado. É neste momento que ele se depara com aquele que talvez se tornará um dos momentos mais marcantes da nar-

rativa. O encontro amoroso da personagem com uma mulher misteriosa no quarto de arrumos da *Nyumba Kaya* irá recheiar a história de Mia Couto de erotismo e sensualidade. O encontro se dá quando Mariano é engolido pelo escuro e um corpo vai se envolvendo ao seu, num jogo de sedução e magia. Mesmo sabendo que a tradição não permitia o ato sexual em dias de luto, o intercuro ocorre dando-lhe intenso prazer. E mais do que isso a mulher lhe entrega uma caixa para ser entregue ao seu tio Abstinência. E é nesta caixa que se esconde um fato do passado, que será uma descoberta a mais na trajetória do jovem Mariano. O jovem então sai à procura do tio para lhe entregar a encomenda, encontra-o e quando o mesmo se dispõe a abrir a caixa ocorre o inesperado. O tio abre a caixa e dela retira um longo vestido branco, que o faz mergulhar no passado e respirar uma memória cheia de perfume e dor. Abstinência desaba a chorar; o tio também tivera uma paixão no passado e só agora é que Mariano descobrira aquilo que misteriosamente estava guardado nas lembranças do tio e que o encontro do porão pudera lhe revelar. É a memória recuperando o passado que o tempo não conseguiu apagar e que numa sequência de acontecimentos torna-se a portadora de construção da identidade, tanto para o Mariano, como para os seus parentes. Norbert Elias (1998) afirma que o homem possui a capacidade de apreender num só olhar aquilo que foi produzido ou se produzirá noutros momentos.

Mariano continua então o seu processo de desencavar o passado e nessa trajetória ele encontra mais uma carta, um modo de lhe ensinar como agir diante da cerimônia do enterro de seu avô:

Mariano, esta é sua urgente tarefa: não deixe que completem o enterro. Se terminar a cerimônia você não receberá as revelações. Sem essas revelações você não cumprirá a sua missão de apaziguar espíritos com anjos, Deus com os deuses. Estas cartas são o modo de lhe ensinar o que você deve saber. Neste caso, não posso usar o método da tradição: você já está longe dos Malilanes e seus xicumbos. A escrita é a ponte entre os nossos e os seus espíritos. Uma primeira ponte entre os Malilanes e os Marianos. (COUTO, 2005, p. 126)

A carta propõe algumas providências que ele deveria tomar a respeito da casa e da sua gente, e o papel deste personagem na narrativa aparece diante dos olhos do leitor, agora de maneira mais concreta. Num diálogo polifônico e epistolar a narrativa se nos depara revelando a missão de Mariano:

A sua tarefa é repor as vidas, direitar os destinos desta nossa gente. Cada um tem seus segredos, seus conflitos, lhe deixarei conselho para guiar as condutas dos seus familiares. Não será só nas cartas. Lhe visitarei nos sonhos, também. Para você conhecer os dentro de seus parentes. E todos, aqui são seus parentes. Ou pelo menos equiparentes. Seus pai, com suas amarguras, seu sonho coxeado. Abstinência com seus medos, tão amarrado a seus fantasmas. Último que não sabe de onde vem e só respeita os grandes. Sua Tia Admiração que é alegre só por mentira. Dulcineusa com seus delírios, coitada. Mas lhe peço, comece por Miserinha. Vá procurar Miserinha. Traga essa mulher para Nyumba-Kaya. (COUTO, 2005, p. 126)

Mariano sai à procura de Miserinha para cumprir a vontade das cartas, que era também a vontade do seu avô. Cumprido este intento ele se prepara para concretizar os preparativos finais do enterro do avô. Visita o fazedor de covas e acaba descobrindo mais coisas do que esperava. Suas descobertas serão de muita importância, pois o jovem começa e desvendar os mistérios que envolvem a sua terra natal. Um carregamento de drogas, talvez tenha sido o responsável pela morte de Juca Sabão. Também responsável por muitas desgraças que agora ocorriam em Luar-do-Chão, e principalmente pelo fechamento da terra. A ganância de um dos integrantes da família e de outros moradores do lugar estaria agora ameaçando toda a tradição de um povo.

A terra não se abre para receber o corpo de um morto ainda inacabado, que se recusa a partir sem antes resolver todas as pendências não solucionadas. E a resposta vem para Mariano, através do seu “avô” ou da sua própria voz interior representada nas cartas misteriosas. Ele descobre que o seu passado envolve uma história de amor. Um amor deixado para trás, bem como a tradição e a personalidade de muitos daqueles que habitam a região. De acordo com palavras que lhe são reveladas, somente as águas de um amor verdadeiro poderiam novamente abrir a terra. A terra começou a morrer no momento em que os moradores deixaram de ser o que eram para se tornarem outros. É isto que precisa ser resgatado, restaurado para que a morte de Dito Mariano se concretize e ele possa ser enterrado. E o “avô” se propõe então a revelar o seu segredo final que irá proporcionar-lhe uma morte efetiva e tranqüila.

Deparamo-nos agora, com a revelação final do livro, misteriosamente como num passe de mágica a escrita revela para Mariano toda a sua história. É aí que percebemos o quanto este personagem está diretamente envolvido no processo de construção da narrativa. O ato de escrever a memória é a tarefa principal de Mariano e nem o tempo foi capaz de transformá-lo, de distanciá-lo de suas raízes.

O segredo maior de toda a trajetória do romance vai sendo descoberto por ele mesmo, e mais uma vez é através da última carta que o neto se depara com a grande revelação. Aquela que havia conhecido com sua Tia Admirança, a mulher que lhe enchia os olhos de desejo e admiração, na verdade era a sua verdadeira mãe, e o seu tão amado avô Dito Mariano o seu pai. Ele era o fruto de um amor verdadeiro, único, como jamais o seu avô-pai havia experimentado. A única mulher com quem o velho dormira, pois ele não se permitia dormir com mulher alguma, exceto com aquela que seria o seu amor; esse comportamento é descrito na obra como um costume do povo da região. Admirança engravidou e o fruto desse amor foi criado como se fosse o filho de Mariavilhosa e Fulano Malta, quando na verdade era o grande herdeiro da tradição de Dito Mariano. Só as águas de um amor verdadeiro poderiam salvar a terra e Mariano representa esta água, o rio Madzimi, que carrega o tempo e a memória, a tradição de um povo e de uma cultura.

Podemos entender o tempo e memória na narrativa de Mia Couto como um apelo à tradição e à cultura africana. O autor se preocupou em resgatar, através da imagem de um jovem aparentemente perdido num mundo que não era o seu, toda a história e o passado de um povo. Mariano é a encarnação da permanência de uma cultura sufocada pelo

colonizador, mas nunca perdida, nunca deixada para trás. É o responsável pela concretização da morte do seu avô, do enterro e do desprendimento dele desta vida. Mas é ele, também o responsável pela vida do seu avô, vida que renasce nele, no neto-filho, o único com o poder de resguardar o tempo representado nas águas do rio Madzimi. Com o poder também de resgatar a terra-memória encravada na Nyumba-Kaya, a casa da família Malilane, dos Marianos. Mariano representa também o poder da escrita, pois as cartas exemplificam muito bem como a casa da memória e da tradição de um povo podem ser recuperadas através das histórias narradas, através da escrita.

A importância do tempo, do seu poder de devastação, mas também de conservação, é uma constante ao longo de toda a estruturação narrativa. Segundo a narrativa de Mia Couto, todos têm o seu tempo. Tempo para amar, tempo para trabalhar, tempo para morrer ou até mesmo, tempo para cultivar lembranças do passado. É o tempo o responsável maior pela cultura, pela tradição e sua transformação sem precedentes. Esse tempo tem a força das águas, que não mede tamanho, nem distingue nenhum daqueles que recebem as suas desventuras e o seu peso infinito. Entretanto a memória assume também o seu papel maior de conservar sossegada a terra, a casa da família, a lembrança de existências passadas. A memória, seja ela sob o enigma dos sonhos, ou sob a magia da escrita, consegue perpetuar o já vivido, consegue extrair do passado a matéria, que se funda num trabalho de escavação e mineração com o qual se procura recuperar fragmentos daquilo que foi vivido.

ABSTRACT

This article propose to do an analysis about the elements time and memory in the novel, Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, of the Mozambican author Mia Couto. These elements represent the main theme of this narrative analyzed, being factors of relevant importance inclusive to the understanding of the culture of the people of Mozambique, this culture, that will express in the work for many times through the relationships established from the references to time and memory.

Key words: Time; Memory; Mia Couto; Death.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, **Dicionário de símbolos**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CARVALHO, Rui Moreira de. **Compreender África: teorias e práticas de gestão.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **A traição de Penélope.** São Paulo: Ana Blume, 1995.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** São Paulo: Ática, 2000.